

## INTRODUÇÃO ÀS NOTAS

John Gledson

Comecei com as seguintes palavras a “Nota às notas” da minha edição das crônicas de “A Semana”, de 1892 e 1893, da qual esta é o seguimento:

“Um dos principais objetivos desta edição são as notas. Têm dois fins: 1) iluminar para o leitor o contexto político, social e jornalístico em que as crônicas foram escritas e 2) identificar as fontes das citações e referências que Machado faz, na medida do possível. Sem as notas, creio que quase não vale a pena ler as crônicas: muitas, de fato, são praticamente ilegíveis.”

São palavras que se aplicam também às edições que publicamos agora: não perderam nada da sua relevância, muito antes pelo contrário. Desde aquela publicação, de 1996, publicaram-se várias edições das crônicas de Machado, quase todas insuficientes, num aspecto ou noutro – há erros nos textos, muitas referências mais ou menos obscuras inexplicadas –, e, sobretudo, com algumas exceções, os jornais, e em particular a *Gazeta de Notícias*, onde foram publicadas as crônicas, não foram consultados.<sup>1</sup> Vale a pena, portanto, sublinhar e explicitar o objetivo e o método destas edições, o porquê de publicá-las desta maneira.

Primeiro, é impossível entender estas crônicas sem ter lido os jornais onde se publicaram, que são o contexto em que os seus leitores as leram e compreenderam. Tomemos um exemplo simples: a crônica de 23 de setembro de 1894 (121) começa assim: “Os depoimentos desta semana complicaram de tal maneira o caso da bigamia Lousada, que é impossível destrinchá-lo, sem o auxílio de uma grande doutrina.” Esta “grande doutrina” é o espiritismo, e este “caso” é um introito a mais uma sátira à doutrina que Machado achava absurda e perigosa, “uma fábrica de idiotas e alienados”.<sup>2</sup> Mas o “caso” em si, complicado e algo ridículo, faz parte do argumento, da *inspiração* desta crônica, e se não o entendermos (o que pede uma longa nota, com os detalhes necessários) não apreciaremos a crônica.

---

<sup>1</sup> Num apêndice à minha antologia das crônicas de Machado, *Crônicas escolhidas* (São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013), p. 313-19, há uma “História das edições das crônicas machadianas”, que inclui uma pequena resenha de cada uma destas edições.

<sup>2</sup> Ver a crônica de 29 de agosto de 1889, de “Bons Dias!”.

Com efeito, estamos seguindo a leitura do próprio Machado, quando, para usar uma imagem dele, mergulhava por uma coluna abaixo, voltando à tona com uma pérola nos dedos.<sup>3</sup> Compreendemos um pouco como e onde lia, como funcionava este leitor assíduo dos diários. Agora que a *Gazeta*, junto com outros jornais que também lia por necessidade e entretenimento, está, desde 2015, em linha na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, qualquer leitor pode vê-los e lê-los, e assim apreciar o contexto das crônicas por si mesmo.

Devo acrescentar que, por mais que algumas notas, sobretudo estas sobre as notícias menores, os *faits divers* da semana, possam parecer longas, fiz o possível para informar, da maneira mais curta e clara, o necessário para o entendimento da crônica. Por mais fascinante que o contexto possa ser em si mesmo, as notas são sempre *accessórias* ao texto.

Por estas e outras razões, muitas vezes vale a pena citar as palavras textuais que Machado leu, para comparar o “original” à sua “leitura”. Em muitas ocasiões, implícita ou explicitamente, ele critica a linguagem da imprensa, ou pelo seu sensacionalismo, dedicado a dramatizar um evento que daí a três dias será esquecido, ou na linguagem supostamente divertida e superior (de fato, desdenhosa e esnobe) com que se refere a fenômenos do interior, como a rebelião de Antônio Conselheiro, que só daí a mais de dois anos abalaria a República (ver a crônica de 22 de julho [112]). Mesmo um detalhe menor, como a substituição (silenciosa) de um francesismo (“garantir”) por um termo (“afiançar”) castiço, ilustra o seu conservadorismo, modesto, mas digno.

Claro que Machado não deixava que os jornais o dominassem. Sabia muito bem que os leitores não o valorizavam como repórter (anglicismo relativamente recente), mas pelo que Ferreira de Araújo, dono da *Gazeta*, quando substituiu um Machado doente em 29 de abril, chama o seu “prisma”, sua perspectiva, seu olhar. Machado demonstra este princípio no dia 16 de setembro, contrastando a “semana pobre”, altamente preferível à “semana rica”: mas a “semana”, pobre ou rica, era sobretudo a que aparecia filtrada pelos jornais. Não só a *Gazeta de Notícias*, onde Machado publicava: também tivemos que consultar vários outros no acervo da Biblioteca para achar as origens e os contextos dos acontecimentos, grandes e pequenos, que comentava. De todos, *O Paiz* e o *Jornal do Commercio* talvez sejam os mais importantes – o primeiro, editado por Quintino Bocaiúva, amigo de longa data, era fiel ao regime republicano, na sua forma florianista: noutros aspectos (inclusive no número dos seus leitores), assemelhava-se a seu rival, mais crítico, quase criptomonarquista, a própria *Gazeta*. O *Jornal*, o mais venerável dos três, era útil ao cronista sobretudo porque dava transcrições completíssimas dos debates do congresso, e sobretudo do conselho municipal, fonte inexaurível de comédia. Cada rinha absurda, cada discurso

---

<sup>3</sup> Ver a crônica de 17 de julho de 1892 (13).

pomposo e/ou interminável eram reproduzidos com tanto detalhe que Machado podia fingir, para fins humorísticos, que os tinha presenciado.

O interesse de Machado pela imprensa ia além do Rio de Janeiro, às províncias e até ao estrangeiro. O caso mais interessante – e, para o editor, mais frustrante – é a crônica de 5 de agosto (114), a famosa “O punhal de Martinha” (o título é invenção posterior de Mário de Alencar). A *Ordem*, jornal de Cachoeira, de onde tirou o episódio da moça que mata o seu “admirador”, era o jornal mais importante do Recôncavo baiano, publicado duas vezes por semana. Podemos perguntar-nos o que atraiu Machado a ele (ainda mais porque o cita mais uma vez, no dia 23 de setembro (121), acerca de um burro que “enlouqueceu” em Mogi das Cruzes [São Paulo]). Será que costumava publicar estas vinhetas curiosas ou cômicas, e o cronista recorria a ele como possível mina; ou porque queria notícias mais imediatas do interior? Infelizmente, há poucos exemplares deste jornal na Hemeroteca, e nenhum de 1894. É uma pena, sobretudo porque a crônica (e a nossa compreensão dela) depende tanto do registro linguístico (“eu lhe furo”, “rapariga moderna”, “a última leva de Citera” etc.), que uma comparação com o original seria no mínimo muito curiosa.<sup>4</sup>

Do extremo oposto do espectro, Machado fala de sua leitura de um representativo do que havia de mais “avançado” na imprensa da metrópole, de Londres, nada menos, embora finja que seu exemplar foi encontrado por um burro inteligente (e anglofalante), num bonde, onde o deixara algum passageiro descuidado (ver a crônica de 10 de junho [106]). *Truth* era um exemplo de uma espécie de radicalismo, o do seu criador, Henry Labouchère, que publicava escândalos e histórias “verdadeiras” – precursores da “Reality TV” dos nossos dias. No caso, Machado simpatizava com a sua defesa dos direitos dos animais, o que explica a intervenção do burro – menos talvez com o sensacionalismo, que *Truth* compartilhava com boa parte da imprensa brasileira.

\*

Uma das características que distingue as crônicas de Machado de outras do tempo dele e de outros é a grande quantidade de referências e de citações de uma grande variedade de fontes. Já no dia 1º de janeiro (84) cita ou refere-se a Auguste Barbier, André Chénier, Victor Hugo, Heinrich Heine, Camões e Xenofonte, a várias figuras

---

<sup>4</sup> Para informações sobre o jornal, cito um trecho da tese de doutoramento de Pércles Diniz [*Ser baiano na medida do Recôncavo: o jornalismo regional como elemento formador de identidade*. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 118], gentilmente fornecida pelo autor: “Publicava bastante material informativo, principalmente em forma de pequenas matérias e notas, com novidades locais, estaduais, nacionais e internacionais, com redação própria, mas também transcrevendo e comentando matérias e telegramas de agências de notícias e outros jornais baianos, brasileiros e estrangeiros. Além do noticiário, publicava anedotas, trovas, poemas, contos, folhetins, editais, discursos proferidos por autoridades e anúncios tipo classificados. A partir de janeiro de 1890, aumentou seu formato, quando tornou-se o periódico de maior tiragem fora da capital baiana.”

históricas (Moltke, Gladstone, Saldanha Marinho, Tamandaré, Carlos X de França) e a uma musa (Terpsícore).

A vasta expansão da internet desde 1996, data da publicação do primeiro volume desta edição, transformou a busca e a identificação de tais referências, elas mesmas muito variadas, e muitas vezes obscuras, mesmo para um leitor culto de hoje – e tenho a impressão que para muitos leitores da época de Machado também. As ferramentas de busca, além de facilitar a identificação, também fornecem informações suplementares, que iluminam os contextos de muitas referências. Temos muitas evidências das suas leituras nas suas escritas, e no muito que resta da sua biblioteca, carinhosamente catalogado por Jean-Michel Massa.<sup>5</sup> Mais recentemente, publicaram-se novos guias e edições indispensáveis. Devemos destacar primeiro a edição, em cinco volumes, da correspondência ativa e passiva de Machado, editado por Sergio Paulo Rouanet com a preciosa ajuda de Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, publicada entre 2008 e 2015 pela Academia Brasileira de Letras, monumento de dedicação e erudição, com notas excelentes. Também devo mencionar o ótimo *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado, publicado pela Academia em 2008. Na internet, há o utilíssimo banco de dados de machadodeassis.net, da Casa de Rui Barbosa, dirigido por Marta de Senna, com suas edições em hipertexto, seu índice de autores, obras, personagens, figuras históricas, logradouros etc., referidos nos romances e nos contos. Estas fontes, junto com outras numerosas demais para serem elencadas – dicionários, enciclopédias, sites da internet etc. – foram essenciais ao nosso trabalho. Estou muito consciente que esta nossa edição não será completa sem um índice das referências semelhante ao que se fez para a edição das crônicas de 1892-93, que publicaremos na *Machadiana Eletrônica* no próximo ano, uma contribuição ao mapeamento completo das referências do autor.

Pouco é preciso dizer acerca destas referências em termos gerais, exceto para repetir o que disse sobre as referências dos jornais: isto é, que procurei sempre limitar a sua extensão ao que me parecia necessário. Em alguns casos, porém, uma citação mais extensa pode revelar muito, fornecendo ao leitor um contexto do qual Machado estava bem consciente, embora seus leitores não o estivessem – a descrição, a concisão, até o mistério que caracteriza sua obra, implica que muito do que é omitido às vezes é bastante revelador. Um exemplo ilustrativo é a menção de Oliver Wendell Holmes, no dia 14 de outubro (124), aparentemente para comentar as corridas de cavalos, assunto frequente nestes anos subsequentes ao Encilhamento; mas também e sobretudo é uma meditação sobre os tipos de sociedade que deram origem às repúblicas americana e brasileira.

Para terminar, queria mencionar, e meditar um pouco sobre algumas das informações mais curiosas e reveladoras que descobrimos nas nossas pesquisas – e

---

<sup>5</sup> Ver Jean-Michel Massa, “La bibliothéque de Machado de Assis”, *Revista do Livro*, 21-22, ano VI, mar.-jun. 1961, p. 195-238; e o volume *A biblioteca de Machado de Assis*, editado por José Luís Jobim (Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001).

ênfatiso o plural aqui, agradecendo a ajuda de várias pessoas que contribuíram para esta tarefa fascinante e gratificante, algumas mencionadas nas notas relevantes. Devo fazer uma menção especial aqui dos editores desta revista, José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos, que desataram alguns nós particularmente intrincados – dois deles analisados aqui.

Primeiro, duas referências literárias – aqui temos, que eu saiba, a única referência à obra de Dostoiévski na de Machado (no dia 16 de dezembro [133]). Talvez não signifique muito, pois o escritor russo já tinha fama internacional, e seria temerário dizer que Machado tivesse lido sua obra (que não consta do que resta da sua biblioteca): mas é interessante saber que tinha consciência de um autor com quem foi comparado, com tanta perspicácia, por Augusto Meyer.<sup>6</sup> Mais interessante talvez seja a menção de Robert Hamerling, autor austríaco relativamente desconhecido (e não traduzido), e seu drama em verso *Ahasver in Rom* (Ahasverus em Roma), publicado em 1873. Este livro, citado no dia 11 de novembro (128), Machado o tinha, sim, na sua biblioteca – e aqui temos uma prova de que realmente o leu, talvez a evidência mais substancial de que lia alemão, língua que aprendera em 1883.<sup>7</sup>

Outras referências, as que talvez deem mais prazer, e sejam as mais reveladoras, são características dessa discrição que nunca podemos enfatizar demais, e que se manifesta em todos os níveis da criação artística machadiana. A consequência lógica é que alguns detalhes, por mais inconsequentes que possam parecer, são verdadeiros *icebergs*, escondendo verdades imprevistas.

No dia 7 de janeiro (85), num momento de indulgência nostálgica, o cronista se lembra de um passado inocente em que, para comprar um bilhete de loteria, havia que ir até o centro da cidade: “Tempo houve em que a gente ia dos arrabaldes à casa do João Pedro da Veiga, rua da Quitanda, comprar o número da esperança.” Este João Pedro, que parece um nome qualquer, foi de fato o irmão de Evaristo da Veiga: tinha uma livraria nesse endereço, que também vendia bilhetes de loteria. De fato, em 1832, Evaristo escapou de um tiro de pistola dos seus inimigos nesta mesma casa.<sup>8</sup> Difícil não imaginar o rapaz, vindo do “arrabalde” do Morro do Livramento, e sentindo a presença do grande jornalista da Regência (morto em 1837), autor da letra do Hino Nacional, por quem mais tarde teria uma grande admiração.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, “O homem subterrâneo”, em *Machado de Assis, 1935-1958* (Rio de Janeiro, Livraria São José, 1958), p. 14.

<sup>7</sup> Ver verbete “Alemão (idioma)” no *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado, p. 11.

<sup>8</sup> Ver Otávio Tarquínio de Sousa, *Evaristo da Veiga (História dos fundadores do império)* (São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1988), p. 133.

<sup>9</sup> Uma admiração com relativamente poucas evidências, mas muito clara. Dois exemplos: dos fenômenos da Regência enumerados pelo pai de Brás no capítulo XXVI das *Memórias póstumas*, Evaristo é a única figura humana evocada: “do senado, da câmara, da Regência, da restauração, do Evaristo, de um coche que pretendia comprar, da nossa casa de Matacavalos...” E há o importante episódio do “tinteiro de Evaristo” no capítulo L de *Esau e Jacó*. Ver meu *Machado de Assis: ficção e história* (São Paulo: Paz e Terra, 2003), p. 217-18.

As citações literárias de Machado são interessantes de várias maneiras. É patente que tinha uma espécie de “estoque” delas na cabeça, para uso ocasional.<sup>10</sup> Às vezes, também, nos levam a problemas intrigantes, e até a momentos de iluminação sobre sua vida, seus processos criativos, e – talvez – a pensamentos e atitudes mais íntimos. Eis aqui três exemplos, muito diferentes entre si.

O primeiro vem da crônica de 15 de julho (111), em que, perto do começo da crônica, Machado cita dois versos da *Farsália* de Lucano, em português, “pela tradução de um finado sabedor de coisas latinas”. Por mais difícil que possa parecer identificar este “finado sabedor”, com a ajuda de Brunno Vieira, sabemos que foi José Feliciano de Castilho, poeta português e amigo de Machado,<sup>11</sup> que publicou esta tradução no *Diário do Rio de Janeiro* quando Machado trabalhava no jornal, em 1864, e Machado lançou mão dos versos aqui, e num conto de 1873, “Decadência de dois grandes homens”, um exemplo curioso da fidelidade e persistência da memória ao longo de três décadas. Nem precisa sublinhar a relevância da *Farsália*, poema sobre a luta entre César e Pompeu, no contexto da guerra civil.

Às vezes, estamos menos nos domínios da memória do que nos do esquecimento. No dia 4 de novembro, comentando várias polêmicas contemporâneas, comenta, citando, que “*A liberdade é muitas vezes um mistério*, escreveu Montaigne”. Devia ser fácil identificar esta citação, apesar da extensão da obra do ensaísta francês, e as muitas vezes em que diz coisas “semelhantes” – Montaigne era um autor predileto, e, além das ferramentas da internet, há concordâncias da sua obra. Mas a frase não aparece. Às vezes, concluímos, Machado cita mal, lembra mal frases e palavras. Nem é a primeira vez que Montaigne suscita problemas – a mesma coisa acontece no dia 4 de fevereiro (89): “Montaigne é de parecer que não fazemos mais que repisar as mesmas coisas e andar no mesmo círculo”. Só que desta vez, numa crônica posterior (1º de setembro de 1895), o cronista confessa que não sabe onde – ou se – Montaigne disse estas palavras. Problema resolvido? Pode ser. Mas os editores desta revista não se contentaram, e acharam uma possível solução, numa lição admirável de como a erudição, a intuição e a internet podem colaborar entre si. Traduzindo esta frase em francês: “*La liberté est un mystère*”, descobrimos que aparece, nessa língua, atribuída a *Malebranche* (em cuja obra também não se encontra!), no fim de um importante ensaio de Schopenhauer, que Machado tinha na sua biblioteca – *Essai sur le libre arbitre*. Não é segredo, claro, que Machado tinha um respeito enorme pelo filósofo alemão, respeito

---

<sup>10</sup> Ver, por exemplo, Raymundo Magalhães Júnior, “As repetições de Machado de Assis” e “O deturpador de citações”, p. 190-225 e 226-238 de *Machado de Assis desconhecido* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955), e Lúcia Granja, “Ratos, pássaros ou morcegos? Machado de Assis, Théophile Gautier e um repertório de citações”, em Marta de Senna e Hélio Guimarães, org., *Machado de Assis e o outro: diálogos possíveis* (Rio de Janeiro: Móbile Editorial, 2012), p. 93-108.

<sup>11</sup> Para a relação de Machado com os irmãos Antônio Feliciano e José Feliciano de Castilho, ver Jean-Michel Massa, *A juventude de Machado de Assis* (2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2009), p. 414, 418 e 447-48.

que teve suas origens no tempo em estava escrevendo *Memórias póstumas de Brás Cubas*.<sup>12</sup> Ainda o lia pouco antes da morte, junto com outro ídolo, Ernest Renan.<sup>13</sup> Especulando (um pouco como fiz no caso de João Pedro da Veiga): poderia ser que a filosofia de Schopenhauer tivesse um efeito tão profundo nele – identificou-se com ele em algum sentido – que “esqueceu-se” do que leu como sendo dele, Schopenhauer, e atribuiu-o a um escritor que disse coisas semelhantes, mas nunca com essas palavras? A influência de Schopenhauer já foi assunto de alguns ensaios sobre Machado, mas tenho a impressão de que calou mais fundo do que normalmente se pensa, e que este “lapso” curioso pode ser sintoma dessa influência, uma espécie de “anxiety of influence”, para usar uma frase que se fez famosa. O filósofo britânico Bryan Magee, num livro estimulante sobre o grande pessimista, argumenta que a influência dele sobre vários artistas foi muito profunda no sentido *criativo*. Como Machado o encontrou num momento tão crucial da sua carreira intelectual e artística, isso pode ser verdade no caso dele também?<sup>14</sup>

O que talvez seja o caso mais extraordinário de todos aparece no dia 24 de junho (108). Depois de anos de mistificação, devo a sua solução, junto com os detalhes fascinantes que o acompanham, aos editores da *Machadiana Eletrônica*. Nesta crônica, Machado se permite o prazer de voltar ao passado, às festas de São João de antigamente, também lembradas no conto “O diplomático”. No decurso disso, brincando com o leitor sobre sua idade, menciona a figura do grande ator, João Caetano, morto em 1862: “Eu me calo, Adalberto, eu não respondo, como dizia João Caetano em não sei que tragédia, contemporânea do santo do seu nome”. Como disse, esta citação, com a sua mistura de exatidão e ignorância (Adalberto, “não sei que tragédia”), pode parecer distante demais, um momento qualquer no enorme repertório que o ator representou: a proverbial agulha num palheiro.

Por uma mistura de intuição e erudição, resolveu-se o mistério. Os problemas, e as soluções, começam com Adalberto, que, descobriu-se, se chamava Odalberto, e aparece em *Otelo*, nada menos – “não sei que tragédia”, aparentemente! Mas, me dirão, não há tal personagem na peça. Para responder, temos que nos lembrar (e saber lembrar) que na época de João Caetano, as peças de Shakespeare apareciam, não em traduções do original, mas das traduções/adaptações de Jean-François Ducis (1733-1816).<sup>15</sup> A tradução do *Otelo* dele para o português foi feita, para João Caetano, por Domingos

---

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, Eugênio Gomes, “Schopenhauer e Machado de Assis”, em *Machado de Assis* (Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958), p. 91-98.

<sup>13</sup> Ver carta de 6 de agosto de 1908, no tomo V da *Correspondência de Machado de Assis*, p. 398.

<sup>14</sup> Além de descrever em detalhes a influência de Schopenhauer em Wittgenstein e Wagner, Magee fala no Appendix 7 do seu livro, *The Philosophy of Schopenhauer*, “Schopenhauer’s Influence on Creative Writers”, de vários escritores, alguns da geração de Machado: Tolstói, Turguêniev, Zola, Maupassant, Proust, Hardy, Conrad e Thomas Mann.

<sup>15</sup> Para a relação entre Shakespeare, Ducis e João Caetano, ver Décio de Almeida Prado, *João Caetano* (São Paulo: Perspectiva, 1972), p. 25-28. O *Otelo* teve 26 representações entre 1837 e 1860.

Gonçalves de Magalhães, em 1841, o ano que Machado menciona na crônica, e quando ele tinha dois anos. Ducis adaptava as peças, mudava os nomes dos personagens para harmonizá-los com o gosto clássico francês, e a cadência do verso. No caso, Odalberto é o pai de Desdêmona, Brabantio no original, e estas palavras aparecem no primeiro ato, num momento crucial. Odalberto/Brabantio ataca Otelo por suas origens estrangeiras e inferiores (“este fero Africano”). Na peça original, Othello mantém silêncio, recusando-se a responder a tais insultos (“But, Othello, speak”, diz um senador veneziano), e finalmente diz que devem pedir a opinião da própria Desdêmona. No texto de Ducis, este silêncio é explicitado: “Odalbert, je me tais, je ne puis vous répondre” (“Eu me calo, não posso responder”), frase que Gonçalves de Magalhães adapta novamente, e para melhor (“não respondo”).

Que estranha lembrança, profundamente reveladora, e mediada por um esquecimento genuíno (Adalberto), e outro certamente fingido (“não sei que tragédia”)! Machado deve ter visto a tragédia numa ou mais de suas várias reprises – Otelo foi, o que não surpreende, um dos papéis mais célebres do grande ator. Este momento, o “silêncio” digno de insultos que deviam suscitar fortes ecos no jovem espectador, deve ter calado fundo na sua memória. Sabemos que é justamente esta a atitude que Machado adotou perante as suas origens sociais, e, em particular, à cor da pele. Como diz com razão Emília Viotti da Costa, quem (como Joaquim Nabuco, até) pensasse que Machado era indiferente a essas coisas (era “grego”, segundo Nabuco), se engana redondamente.<sup>16</sup>

Um último comentário: claro que não solucionamos todos os problemas que estes textos nos propõem. Uma das várias vantagens de esta revista ser eletrônica é que fica sujeita a ajustes e acréscimos. Os leitores estão convidados. Sobretudo, esperamos que estas edições suscitem comentários, pesquisas etc. que melhorem nosso conhecimento deste grande autor, em todas as suas dimensões.

---

<sup>16</sup> Ver Emília Viotti da Costa, “O mito da democracia racial no Brasil”, em *Da Monarquia à República: momentos decisivos* (São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979), p 235-36.